

CAPA

É um ET?

Imagens de autópsias feitas em supostos seres extraterrestres provocam polêmica nos EUA e Inglaterra

OSMAR FREITAS JR.,
DE NOVA YORK

Desde que o flamengo Rembrandt pintou seu famoso quadro *Lição de anatomia*, no século XVII, o mundo não via uma dissecação de cadáver tão sensacional. Na semana passada, o documentarista britânico John Purdie, da Union Pictures, mostrou a pessoas escolhidas dois filmes contendo autópsias de corpos de supostos extraterrestres. Em cada segmento, filmado em preto-e-branco, seres humanoides vão sendo destrinchados por presumíveis cirurgiões militares americanos, usando instrumental do final da década de 40. Um dos examinados seria do sexo feminino, grávida, contendo seis dedos em cada mão e pé e com um cérebro suspeitamente parecido com um fígado de boi. Suas articulações e musculatura, porém, são incomodamente semelhantes às de humanos. Os ETs teriam sido vítimas de um desastre cósmico, quando sua nave es-



FOTOS: REPORTAGEM

pacial se espatifou perto de Roswell, em pleno deserto do Novo México, em 1947. O deputado Steven Schiff, representante daquele Estado no Congresso dos EUA e um dos mais empenhados em esclarecer o incidente, não atesta a veracidade dos filmes. "Acho que tudo não passa de embuste, embora muito bem realizado", diz. Mas sua opinião tem pouco peso, num planeta ávido por notícias de outras partes do universo.

A polêmica sobre a veracidade ou não dos filmes ganhará contornos mundiais. No próximo dia 28, a su-

posta autópsia feita nos eventuais ETs será transmitida por redes de televisão para todo o planeta. No Brasil, as imagens serão transmitidas pela Rede Globo. Na quarta-feira 26, o escritório da emissora em Londres confirmou a ISTOÉ a compra dos direitos para a reprodução dos documentários. Algumas imagens da dissecação de ETs já tinham sido anunciadas no meio de ufologistas em abril último, sem causar grande sensação. Mas com o relançamento de agora, os filminhos finalmente começaram a correr o mundo. Pela rede Internet de computadores era possível ver os pequeninos. São cabeçudos, sem pêlos e pálidos. Têm olhos escuros, frios, oblíquos e enormes, que mais parecem óculos "gatinho", em voga no fim dos anos 40.

Quem viu o filme todo, como o patologista americano John Wilmore, do Women's Hospital de Washington, diz que os seres, quando abertos, não apresentam intestinos. "Os médicos realizando aquela autópsia pareciam cirurgiões e não patologistas. Não posso atestar pela autenticidade daqueles corpos, porque os filmes são mesmo muito ruins. Cheira a piada", disse Wilmore a ISTOÉ. De qualquer modo, os

"Cada um fará seu julgamento"

O britânico Ray Santilli, dono da Merlin Production, uma produtora independente, está seguro de que as imagens mostrando autópsias em extraterrestres são verdadeiras. Foi ele quem comprou os filmes de um cinegrafista militar americano que trabalhou para o Exército, Força Aérea e Forças Es-

peciais. Na semana passada, Santilli conversou com a reportagem de ISTOÉ, em Londres.

ISTOÉ - *Quais as precauções que o sr. tomou antes de comprar os filmes de um cinegrafista que prefere se manter no anonimato?*


Santilli - O cinegrafista militar prefere não se identificar, mas investiguei toda a sua vida antes de fazer o negócio. Trata-se de uma pessoa comum. Um homem nos seus 80 anos, que nunca fez muito dinheiro na vida. É casado

com a mesma mulher há 50 anos e tem estabilidade mental. Tenho certeza de que ele estava em Roswell na época do acidente com os ETs.

ISTOÉ - *Como o sr. recebe as dúvidas levantadas por diversos cientistas a respeito da veracidade do filme?*

Santilli - As pessoas vão avaliar as imagens por elas mesmas. Os relatórios médicos feitos sobre as imagens confirmam que as criaturas são de carne e osso. Obviamente, os cientistas não que-





filmes prometem ser sucesso de audiência e vão colocar mais lenha na fogueira de um episódio que estava meio apagado. Trata-se do Caso Roswell, nome da cidade onde os ETs supostamente despencaram em 1947. A história tem sido perseguida e citada por ufologistas por várias décadas e gerou filmes, livros e teorias conspiratórias. A crônica do evento dá mesmo margens a muitas dúvidas.

Roswell, Novo México - 5/7/1947
- Uma equipe de arqueólogos da Texas Tech University, liderada por Curry Holden, chega pela manhã a essa

re: comprometer suas carreiras admitindo que se tratam mesmo de extraterrestres.

ISTOÉ - Mas o sr. acredita que uma autópsia tão importante para a ciência seria feita em apenas duas horas?

Santilli - O filme mostra de maneira muito clara um aviso afixado na sala da autópsia advertindo que o local deveria ser deixado em duas horas. Acho que havia uma justificada preocupação por causa da natureza do material ou risco de radiação.



ISTOÉ - E as alegações de que as criaturas vistas no filme não correspondem às descrições das testemunhas?

Santilli - Isso eu não sei responder. Algumas testemunhas dizem que as imagens correspondem, outras não. Mas é difícil ter certeza em relação a fatos ocorridos quase 50 anos atrás.

ISTOÉ - Por que só agora o filme é mostrado?

Humanóides de cabeça grande, seis dedos e sem pêlos: o filme da autópsia dos supostos alienígenas não convenceu cientistas e ufologistas



Santilli - O cinegrafista guardou uma cópia do filme sem o conhecimento da Força Aérea Americana. Era um segredo militar, e se ele mostrasse o filme estaria cometendo crime de traição. Já no final da vida, ele achou que tinha a obrigação de mostrar o filme. E preferiu entregá-lo a uma equipe estrangeira para ter menos incômodos. Espero que em breve ele nos dê autorização para divulgar sua identidade.

cidadezinha perdida no deserto do Novo México. Vão ao escritório do xerife George Wilcox e relatam que haviam testemunhado, às 23h30 da noite anterior, "a queda de um avião sem asas e com uma fuselagem arredondada". O fato mais perturbador é que, junto aos escombros do tal avião, havia corpos de ETs. Dois seres estavam fora da nave e outro permanecera dentro. Enquanto os arqueólogos ainda prestavam depoimento, um casal de campistas chega ao escritório do xerife e faz um relato semelhante. As vítimas, diziam, tinham pouco mais de um metro de comprimento. Em pouco tempo, Roswell foi ocupada por militares vindos da base aérea localizada a 70 km do local. Eram homens do 509º Bomb Group (Grupo de Bombardeiros), e iriam conduzir uma investigação, cercada de mistérios.

■ **Roswell, 8/7/1947** - Um oficial do serviço de informações públicas do 509º, tenente Walter Hault, se encarrega de jogar água na fervura e divulga um comunicado anunciando a recuperação de um "objeto voador não-identificado". O mesmo Hault, tempos depois, viria a ser uma das figuras mais procuradas e controversas do caso. Hoje, ele é o presidente do Museu do UFO, em Roswell, um dos estabelecimentos comerciais mais lucrativos do lugar. Vários jornalistas e pesquisadores já o desmascaramaram como sendo um vigarista. Uma das inconsistências de sua história é que ele teria sido avisado, no dia 2 de julho, para preparar um press release sobre o achado do disco voador. O acidente, porém, só ocorreu dois dias depois.

O xerife Wilcox alega que foi ameaçado por militares. Ele diz que seria morto caso falasse algo sobre a descoberta de ETs. Há também a história do major Jesse Marcel, que diz ter levado para casa pedaços do estranho metal que recobria a fuselagem do artefato. "Era um metal que não se conseguia cortar ou derreter. Quando amassado, voltava a endireitar-se em seguida", afirma. Ele deu o souvenir para seus filhos brincarem. Nem o major nem as crianças conseguiram decifrar o que pareciam ser hieróglifos contidos nas placas. Finalmente, há o depoi-



110



PASSEANDO COM O INIMIGO

A foto mostra dois possíveis agentes da CIA conduzindo um pequeno ser de aproximadamente 80cm. Até hoje não se sabe como essa foto apareceu. O que se diz é que foi tirada em março de 1950, em local próximo a Roswell

mento do papa-defuntos Glenn Dennis, que garante ter recebido encomendas para alguns caixões ser de criança que seriam usados pelos militares do 509º. É bastante estranho imaginar que a Força Aérea americana fosse enterrar o maior achado do século.

No final de tudo, a comissão investigadora divulgou um relatório explicando que o acidente havia ocorrido, mas, em vez de objeto voador não-identificado, o que tinha caído era um balão meteorológico. O relatório também afirma que não houve vítimas no incidente. E, assim, o fato ficou registrado

oficialmente por quase 50 anos.

■ **Washington, DC - 15/11/1993** - O deputado Steven Schiff pede formalmente aos Departamentos de Defesa e de Justiça dos EUA a reabertura de inquérito sobre os eventos ocorridos em Roswell. O General Accounting Office (GAO) é destacado para a missão. A escolha, segundo o deputado, é das mais estranhas, visto que esse bureau é especialista em investigações fiscais. Para realizar a tarefa é designado apenas um agente, que permanece em licença médica até janeiro de 1994. Mas a persistência de Schiff e de um grupo de ufólogos, durante quase dois anos, conseguiu provas concretas de que o relatório militar original servira apenas para encobrir algumas verdades. A Força Aérea americana finalmente admitiu que suas conclusões anteriores eram falsas e que o objeto voador envolvido no acidente não era um balão meteorológico. Agora, afirmam que o artefato era um balão espião, que estava sendo testado para missões de bisbilhotagem sobre ter-

ritório soviético. O estranho material de que era feito - descrito por eles anteriormente como sendo um misto de madeira balsa e alumínio laminado - era, na realidade, um novo tipo de liga capaz de burlar a vigilância de radares.

■ **Londres, 29/3/1995** - A British UFO Research Association (Bufora) - uma organização de pesquisas sobre objetos voadores não-identificados - anuncia ter evidências que provam a existência de formas de vida extraterrestre. As evidências são os filmes. Eles foram feitos por um cinegrafista militar americano, mostrando médicos efetu-

O caso em vídeo

Os fatos ocorridos em Roswell já renderam pelo menos um filme, que não passou nos cinemas brasileiros, mas foi lançado em vídeo: *O Caso Roswell*, produzido em 1994 e dirigido por Jeremy Kagan, é baseado no livro *UFC crash at Roswell*, de Kevin D. Randle e Donald R. Schmitt. O filme relata a história do major americano Jesse Marcel, que viu os restos da nave, mas, leal a sua patente militar, foi obrigado a aceitar a versão do Pentágono de que se tratava de restos de um balão meteorológico. Antes de esse filme ser produzido, Steven Spielberg, notório membro da comunida-

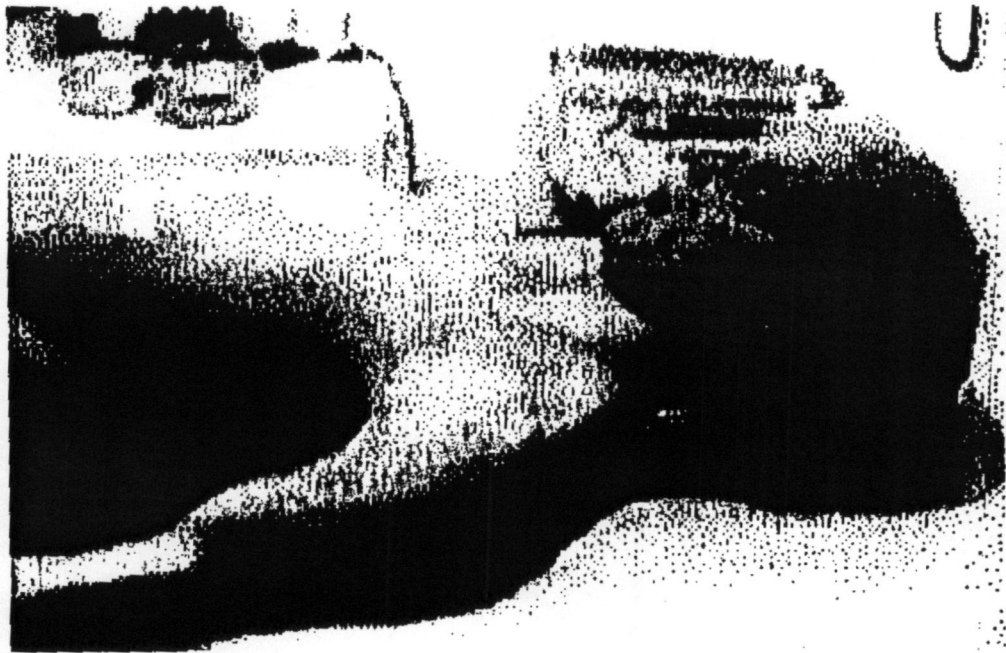


**Autópsia do corpo
de um suposto ET:
Imagens desmentem
as testemunhas**

ando autópsias em cadáveres de criaturas mortas num acidente em Roswell. Os filmes teriam sido entregues a "Bufora" por um colecionador de documentários antigos chamado Ray Santilli, ligado à produtora cinematográfica Merlin Production.

■ Washington, final de julho de 1995 - Martin Walker, um dos correspondentes nos EUA do jornal britânico *The Guardian*, é um aficionado por questões ufológicas. Ele vem perseguindo o caso Roswell há anos e chega a torcer francamente pelos "conspiracionistas". Assim, não é de estranhar que ele tenha obtido o grande furo sobre os dois filmes das autópsias de ETs. O problema é que, em sua matéria, ele se esqueceu de dizer que os supostos documentários vêm sendo considerados falsos e até primários por vários ufologistas e médicos. Na sessão feita ao deputado Schiff, com uma platéia que continha muitos funcionários do governo, médicos e pesquisadores independentes, as reações variaram da crítica abalizada ao mais puro sarcasmo. Levantaram-se diversos pontos que, segundo os analistas, demonstram a fraude dos filmes.

"Os instrumentos utilizados pelos médicos são corretos, mas é possível notar que são velhos. Em 1947 esse instrumental teria aparência mais nova", aponta o médico americano Wil-



REPRODUÇÃO

more. "Além disso, pude perceber que os médicos perfazendo a autópsia não eram especialistas nesta atividade. Eles são claramente cirurgiões. Resta saber por que os militares, dispendo de todos os recursos, iriam improvisar nessa área e se utilizar de gente que não era especialista. Especialmente num caso de tamanha importância para a ciência", afirma o médico. Já o funcionário Thomas Lee, do Departamento de Defesa, avalia: "O local mostrado no filme, onde teria ocorrido a autópsia, nunca existiu na base da Força Aérea de Roswell. Os elementos mostrados no cenário não são aqueles comprados pelo Pentágono para uso nas bases", dispara.

O filme Kodak usado nos dois documentários, revela o fabricante, foram expedidos em 1947 ou em 1967. Exa-



mes laboratoriais vão mostrar quando tais películas foram sensibilizadas e reveladas e poderá pôr fim à polêmica. Na Grã-Bretanha, a veracidade das cenas também não é uma unanimidade. Paul O'Higgins, especialista em anatomia do University College de Londres, estranha como foi feita a autópsia. "A julgar pelo que se vê no filme, a operação foi realizada em duas horas. Não dá para acreditar que seres tão importantes para a ciência tenham sido examinados de forma casual em apenas uma tarde", declarou a ISTOÉ. Especialistas britânicos em objetos voadores não-identificados também se mostram céticos em relação ao filme. É o caso de Jenny Randles. "As imagens mostradas no filme não correspondem aos depoimentos prestados pelas testemunhas em 1947", assegura.

Enfim, como ET vende, Hollywood já arregaçou as manguinhas: o lançamento do filme *Species* é o primeiro de uma onda de longas-metragens que serão lançados no início de 1996. No Brasil, o SBT também vai atacar de extraterrestres: a emissora comprou dois filmes da CBS americana. Trata-se de uma série baseada em depoimentos de pessoas que dizem ter entrado em contato com alienígenas. ■

Colaborou: Marcia Betoni, de Londres

ufológica internacional e diretor de um dos filmes mais populares sobre o tema - *Contatos Imediatos de terceiro grau* - já havia manifestado seu interesse em realizar uma grande produção sobre o caso. Afinal, Spielberg é o responsável pelo mais famoso alienígena de todo universo: *ET, o extraterrestre*, lançado em 1982. O presidente americano, Bill Clinton, chamou Spielberg à Casa Branca em fevereiro de 1994 para dizer que daria total apoio ao novo projeto do cineasta, cedendo inclusive imagens confidenciais do governo americano.

**Steven Spielberg
e sua criatura: o
alienígena mais
famoso do planeta**



ENTREVISTA

100/p. 0/20



AVENTURA

• Eram os maias astrônomos

Ordens e mistério na América Central: a história da mais evoluída civilização pré-colombiana ainda resiste nas ruínas da Península de Yucatán

ERICA BENUTE E CAROL QUINTANILHA (FOTOS), DE MÉRIDA

Acreditar que um povo surgido — não se sabe exatamente de onde — há mais de três mil anos foi capaz de inventar o calendário de 365 dias e seis horas, abstrair de seus cálculos matemáticos o conceito atual do número zero e ainda apresentar ao mundo o chocolate requer alta dose de imaginação. Pensar que esse povo chegou a ter 15 milhões de habitantes, uma organização política e econômica digna dos países mais evoluídos, mas que por volta de 900 d.C. simplesmente desapareceu da face da Terra, é coisa para os melhores livros de ficção. Baseados em inscrições (pouco decifradas ainda, é verdade) muitos desses livros foram mesmo

escritos, mas nenhum conseguiu desvendar até hoje os mistérios que cercam os maias, o povo que dominou a Península de Yucatán, Sul do México, por milênios e que é entre as chamadas civilizações pré-colombianas considerada a que atingiu maior grau de evolução.

Muito se fala e pouco se prova. De concreto, sabe-se que os maias ocuparam 325 mil quilômetros de área de uma região que hoje corresponde aos cinco Estados mexicanos da Península de Yucatán (Chiapas, Campeche, Yucatán, Quintana Roo e Tabasco), além de parte da Guatemala, Belize, El Salvador e Honduras. Sabe-se ainda que sua organiza-

CAMINHO DAS RUÍNAS



Templo do Adivinho, em Uxmal, cidade estado três vezes construída, ocupada e abandonada

autas?

ção era semelhante às das cidades-estado da Antiga Grécia. Sobre seus costumes e rituais religiosos, porém, fica a cargo do aventureiro do século XX embarcar na viagem que mais lhe parecer interessante através de templos e ruínas, onde não faltam histórias de príncipes e princesas, deuses e demônios e até de seres interplanetários. Afinal, uma das teses discutidas na região atribui a evolução do passado ao contato com seres alienígenas.

Além de imaginação, o aventureiro precisa de preparo físico. Depois de vencer intermináveis 69 degraus do Templo das Inscrições, em Palenque (Chiapas), perde-se novamente o fôlego com a vista

panorâmica que a pirâmide oferece: as 14 construções restauradas de um dos mais bem cuidados sítios arqueológicos mexicanos. Assim, como a maioria das ruínas maias exploradas até hoje, acredita-se que Palenque tenha sido um centro cerimonial e que seu auge teria ocorrido entre 300 e 900 d.C., período definido pelos historiadores como Clássico. A confirmação estaria justamente no Templo das Inscrições, um dos primeiros pontos a serem explorados pelos arqueólogos, por volta de 1850. Lá foram encontradas estelas (pedras marcadas com inscrições em hieróglifos) com a árvore genealógica do rei Pakál.

Uma das poucas pirâmides maias feitas para servir de câmara mortuária, a Tumba do Rei Pakál – como também é conhecido o templo –, faz em seu interior um convite tentador aos aventureiros: 77 estreitos degraus pirâmide abaixo que desembocam em frente à cripta de Pakál. A polêmica é sobre o esqueleto encontrado na cripta: seria de um homem de aproximadamente 45 anos, estatura acima da média maia (1,75m) e sem a deformação craniana usual entre os nobres da civilização. Pelas estelas, vários cientistas calcularam a idade da morte de Pakál em 70 anos. Surgem aí as especulações de que o corpo não seria de um rei, mas de um estrangeiro branco (há teorias de que os maias teriam vindo da África, pelo Atlântico, e não da Ásia através do estreito de Bering) ou ainda de um ser extraterrestre, já que o desenho gravado na tampa do caixão de pedra se assemelha a um piloto dirigindo uma máquina com asas. Conferindo de perto o túmulo, o que se vê mesmo é um monólito de pedra de dois metros de largura por três de comprimento repleto de desenhos indecifráveis.

A maior nação mexicana

O México possui hoje 27 milhões de índios, inseridos em sua população de 90 milhões de habitantes. Divididos em 50 tribos diferentes, os maias formam a maior nação indígena do país. Nos cinco Estados da Península de Yucatán vivem cerca de 2,3 milhões de índios maias, que falam seis diferentes dialetos. Sua simples existência seria a prova concreta de uma das teorias mais aceitas sobre o fim do império maia: enquanto sacerdotes e governantes, detentores de conhecimentos científicos da civilização, teriam sido dizimados, as castas mais baixas, de trabalhadores do campo, teriam sobrevivido. "Os maias nunca desapareceram", garante Ismael Villar Borja, diretor de operação e desenvolvimento do Instituto Nacional Indigenista do México (INI).

Afonso, 17 anos, maia da tribo Lancandón, caminha todos os dias três horas até o sítio arqueológico de Palenque. Junto com seu pai, vende artesanatos feitos pela tribo. "Parei de estudar e me casei. É preciso ter responsabilidade e trabalhar", diz. Sua esposa, Isabel, 15 anos, é descendente de espanhóis. Segundo Ismael Borja, não se fala em integração indígena à sociedade: "Eles são a sociedade. A maioria possui minifúndios, participa da vida política do país através do voto (não obrigatório em todo o México) e seu índice de alfabetização é de 60%." De maias mesmo, preservam o idioma, o respeito ao sacerdote – espécie de médico e líder espiritual – e a indiscutível herança física: baixa estatura, pele escura e dentes pouco cuidados.



O maia Afonso: responsabilidade

A maior concentração de centros cerimoniais, a maioria em estilo Puuc e pertencente ao mesmo período clássico dos maias (considerado o apogeu da civilização), está no Estado de Yucatán. Partindo-se da capital Mérida, a parada obrigatória é em Uxmal, cidade que, diz a lenda, foi três vezes construída, três vezes ocupada e três vezes abandonada. Explicação arqueológica: seu edifício central, chamado Templo do Adivinho, apresenta construções sobrepostas, cujas respectivas inscrições comprovariam sua ocupação em diferentes períodos - 800 a.C., 100 d.C. e em 700 d.C. Como não é possível entrar nessa pirâmide e checar a sobreposição, resta ao aventureiro a explicação básica: o nome Uxmal em maia-yucateco significa três vezes (ox = três e mal = vezes).

Com três conjuntos de edifícios distintos, esse sítio arqueológico de 20 quilômetros quadrados traz duas das mais encantadoras histórias do reino maia. O Templo do Adivinho, de 26 metros de altura e base elíptica, é o maior em dimensão da Rota Maia. Recebeu esse nome porque, segundo a crença dos nativos, teria sido construído em apenas uma noite por um misterioso anão que atingiu a idade adulta rapidamente, depois de sair da casca de um ovo. O que a ciência conta é que era nesse templo que os sacerdotes de Uxmal elaboraram complexos estudos matemáticos e previsões para os períodos férteis de plantio e colheita. Para chegar ao topo da pirâmide, não é preciso subir os 300 degraus da majestosa fachada. A escadada ideal é pela parte de trás, que, apesar de mais íngreme, tem menos da metade dos degraus da parte frontal e oferece uma providencial corda presa a cabos de aço.

De guia em guia também corre a história de que o declínio do império maia teve ali seu início. Tudo porque a princesa Sag-nité, herdeira da cidade-esta-

do de Mayapán prometida em casamento ao príncipe de Uxmal, foi raptada no altar por seu verdadeiro amor: o príncipe da então poderosa cidade de Chichén-Itzá. Do altar vazio à praça de guerra, foi questão de dias. Se o início dos conflitos teve mesmo esse estopim, nenhum antropólogo garante. Mas que foi por volta dessa época que as três cidades iniciaram seu declínio, isso as inscrições nas estelas encontradas nessas ruínas comprovam. A lenda de Sag-nité é contada todas as noites ao ar livre em Uxmal durante um espetáculo de luz e som, que inclui histórias religiosas e um culto a Chaak, o deus da chuva. Maior realismo pode ser obti-

do nos espetáculos de junho a setembro - período de verão e noites chuvosas.

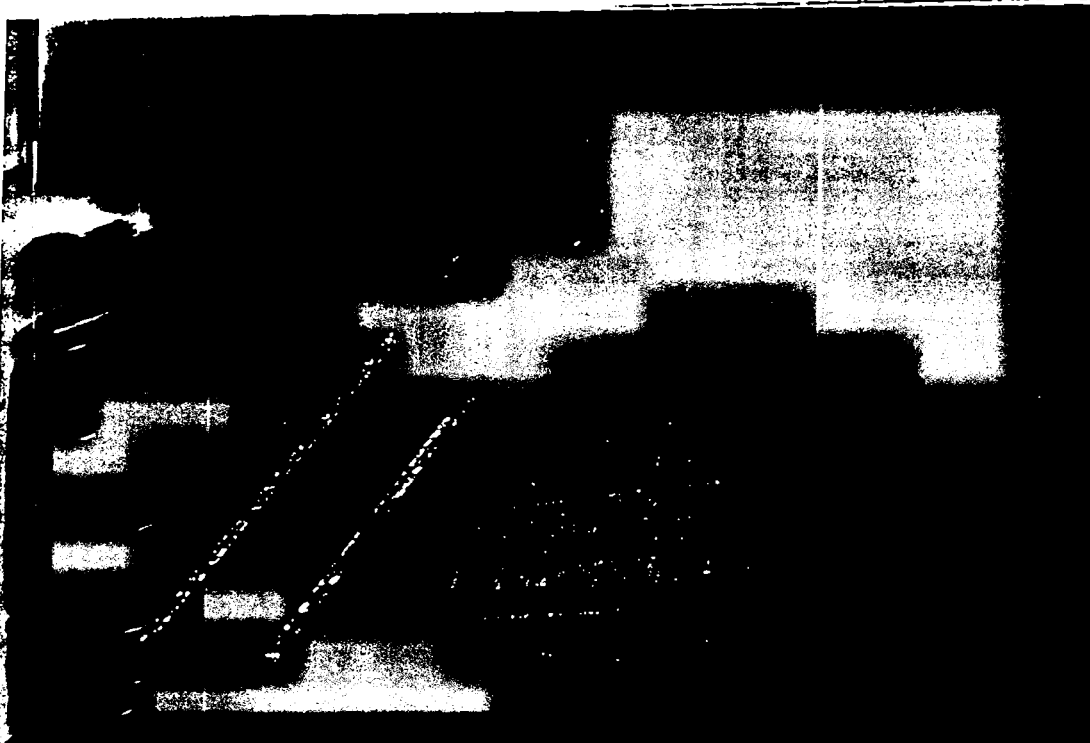
Acreditando que o mundo era plano e a vida durava do nascer ao pôr-do-sol, os maias de Uxmal criaram dois símbolos no conjunto conhecido como Quadrilátero das Monjas: o edifício da Vida (ou Leste), que tem sua fachada iluminada pelos primeiros raios da aurora, e o edifício da Morte (ou Oeste), que recebe os últimos vestígios do dia. Completando o sítio de Uxmal, há o terceiro conjunto composto pela Grande Pirâmide e pelo Palácio do Governador. Sem paralelismo com nenhuma outra construção de Uxmal, há poucas décadas se descobriu que

o ângulo que foi construído o palácio corresponde a um alinhamento perfeito com o planeta Vênus.

A cerca de 30 quilômetros, em Kabah, um pequeno conjunto de ruínas ainda pouco restaurado pode ter sido uma espécie de povoado da cidade-estado de Uxmal. O Cotzpoop, ruína principal de Kabah, tem toda a sua fachada coberta por 250 máscaras do deus Chaak (figuras com uma tromba de elefante). Pesquisadores acreditam que os hieróglifos contidos nas máscaras indicavam a quantidade de chuva de cada período do ano e seriam, assim, a prova de que Kabah nada mais era que o centro científico de Ux-

Mucho que ver contigo

Um dos principais destinos do mundo, o México aposta agora nas rotas ecológicas, arqueológicas e coloniais para atrair especialmente o viajante latino-americano. Dados da Secretaria de Turismo dão conta de que US\$ 6 bilhões são movimentados todos os anos pelo turismo, o terceiro item em volume e importância na composição do PIB mexicano. Deste total, 85% são deixados por turistas americanos, 10% do Canadá e da Europa e apenas 5% dos países da América do Sul e Central. E é com a campanha publicitária *México, mucho que ver contigo*, a primeira na história mexicana feita exclusivamente para seus vizinhos continentais, que o Intergupo Mercolatino (pool de agências de vários países que tem sua representação brasileira nas mãos da carioca Denison-Rio) pretende atrair a atenção dos latino-americanos. Serão peças diferenciadas para os 18 países-alvo. No Brasil, a movimentação começa em agosto com pesquisas de imagem junto às agências. Outdoors, filmes publicitários e mídia impressa têm sua estréia prevista para dezembro. A campanha começa por Cancún para depois apresentar aos brasileiros as opções turísticas do país - de Acaapulco a Los Cabos, passando por rotas arqueológicas.



Chichén-Itzá: Pirâmide de Kukulcán, símbolo do calendário maia (à esq.), o Observatório e o "arco-gol" do Jogo de Pelotas

mal. Contribuem para essa teoria as salas no interior do palácio com representações e estudos de Vênus.

Antes de chegar a Chichén-Itzá, a maior cidade maia, passa-se por Izamal, uma cidade colonial espanhola cuja triste notoriedade foi ter abrigado frei Diego de Landa, o bispo espanhol que ali construiu uma das primeiras catedrais católicas do México conquistado – justamente sobre um antigo templo maia, a exemplo do que também ocorreu com a catedral de Mérida. Várias torres das duas igrejas apresentam pedras calcárias, tipicamente maias, com hieróglifos. Coube também ao bispo De Landa acabar com qualquer vestígio documentado dessa sociedade: preocupado com alguns rituais, evidentemente hereges para os padrões da igreja de Torquemada, fez de todos os livros maias uma enorme fogueira.

Pobre sacerdote. Foi para a história como vilão. Não se deu conta nem mesmo da ironia esportiva que envolvia os maias. Para eles, muito antes do barão de Coupertin e de seu fairplay, o esporte era uma entrega divina. O jogo, batizado apenas de pelotas, era uma espécie de basquete mesclado com futebol e consistia em duas equipes com número variável de participantes de sete a 40. O objetivo era passar uma bola de borracha maciça por uma argola. O capitão da equipe vencedora, o



Dunga da época, recebia como prêmio e distinção a degola da cabeça, depois ofertada aos deuses.

E, por falar em deuses, os maias cultivavam centenas deles: um para cada dia do calendário de 365 dias; um para cada um dos 18 meses; um para cada dia do calendário religioso de 260 dias; um para cada um dos 13 meses desse calendário; um para o calendário de 52 anos e outro para cada coincidência desses dois calendários, que, como numa engrenagem, iniciavam-se no mesmo dia a cada 52 anos. O maior campo de Jogo de Pelotas, assim como a representação pictórica dos calendários maias, está em Chichén-Itzá. A Pirâmide de Kukulcán ou El Castillo, com 26 metros de altura, é o símbolo maior dessa contagem de tempo. Os dias, meses e o ciclo duplo dos calendários estão retratados nas escadarias da pirâmide, que, a cada equinócio, reúne mais de 30 mil pessoas para ver o espetáculo calculado milimetri-

camente pelos maias: os degraus do lado norte da pirâmide entre 15 e 17 horas dos dias 21 de março e 21 de setembro são iluminados por uma angulação do Sol. Lentamente, os degraus se transformam num corpo de uma serpente, cuja cabeça está esculpida na base da pirâmide com a boca voltada para a Terra. Como tudo para os maias era matematicamente religioso e vinculado à produção, o espetáculo para eles significava fertilidade – nada mais que o tempo de plantar o milho.

Com dez quilômetros quadrados, o sítio arqueológico de Chichén-Itzá é o que tem maior número de ruínas restauradas. São mais de 40, e entre as famosas estão o Templo das Mil Colunas, o Templo Norte ou Mercado e o Observatório. A aventura aqui acaba sendo conseguir escapar ileso, por um dos caminhos que levam à saída, do incessante assédio dos inúmeros ambulantes-maias vendendo souvenirs – Chichén-Itzá é o único lugar em que a presença dos camelôs é permitida dentro dos limites do sítio.

Se a parte norte de Chichén-Itzá apresenta grande influência tolteca, civiliza-

ção menos evoluída cientificamente e que aparece na península logo após a decadência maia, é em Tulum, no litoral de Quintana Roo, que esses comerciantes do México pré-hispânico mostram sua força. Se estabelecem numa cidade típica portuária que é delimitada por um muro construído a 600 metros da praia ao longo de seis quilômetros pela costa. O muro, apesar de desgastado, ainda está lá e mostra que da convivência com os maias os toltecas aprenderam pouco de seus conhecimentos arquitetônicos e culturais. As edificações são simples e raras são os objetos decorativos encontrados nesse sítio, o segundo mais visitado de todo o México. A seu favor, porém, Tulum tem um aliado indiscutível: o tom azul-verde-cristalino do mar caribenho, que contrasta com as ruínas cinzas (aqui, em pedra basáltica) oferecendo um cenário único, digno mesmo do descanso dos deuses – e aventureiros – do mundo maia. ■

NUMA FAZENDA EM
MINAS, ANTONIO VILAS
BOAS AVISTA UMA NAVE

VIRGEM MARIAM
O QUE É
ISSO???

O FAZENDEIRO É CAPTURADO POR ALIENÍGENAS

ME
LARGA!

DENTRO DA NAVE, SUA ROUPA É
ARRANCADA, ELE É EXAMINADO
E SEU SANGUE COLHIDO

Contatos tropicais

O Caso Roswell excitou os ufólogos brasileiros, que esperam novas revelações até o ano 2000

ALESSANDRA NAHRA, CLÁUDIA PINHO E GISELE VITÓRIA



Ufólogos e etólogos proliferam no Brasil, como de resto, em todo o mundo. A divulgação do filme do Caso Roswell, na melhor das hipóteses, deixou esta comunidade, que se espalha por todo o território nacional, completamente excitada. Ademir Gevaerd, o presidente do

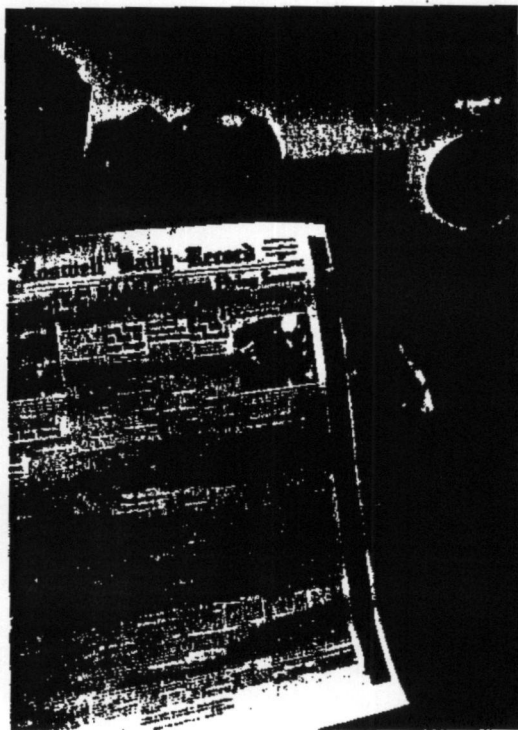
Centro Brasileiro de Pesqui-

sas de Discos Voadores (CBPDV) e editor da revista *UFO*, produzida em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, por exemplo, lembra que no Congresso de Ufologia de Las Vegas, em 1994, circulou a notícia de que os filmes comprados por Santilli iriam se tornar públicos. Nesse encontro, assumiu-se a convicção de que o governo americano faria uma série de revelações sobre extraterrestres até o ano 2000.

"O governo está tentando segurar água com as mãos e o líquido está escorrendo em quantidades cada vez maiores." A frase teria sido proferida por um agente governamental americano, um daqueles soturnos personagens de filmes "B" de ficção científica, ao próprio Ge-

vaerd. A divulgação do Caso Roswell, na opinião do ufólogo brasileiro, 33 anos, poderia ser uma manobra da Casa Branca, interessada em preparar a opinião pública mundial para revelações ainda mais surpreendentes. Esta opinião é compartilhada também pelo engenheiro Claudeir Covo, presidente do Centro de Estudos e Pesquisas Ufológicas no Brasil, um dos mais renomados pesquisadores brasileiros.

Que segredos, afinal, os americanos escondem? Para os ufólogos brasileiros,



Covo: ufólatras tiram o Cristo do altar e rezam para um disco voador

provavelmente, nada de mais diante de tantos casos já registrados de contatos com alienígenas. O próprio Covo, que há 29 anos pesquisa UFOs, ressalva que dos 90% dos casos divulgados sobre discos voadores e ETs, 25% são fraudes descaradas, 65% são erros de interpretação de fenômenos físicos. Apenas 10% seriam evidências de algum valor científico. E casos de contatos no Brasil não faltam. Covo possui um acervo de quatro mil fotos de objetos voadores não convencionais, além de mais de 300 horas de gravações de depoimentos de pessoas contando casos.

O mais conhecido, segundo os ufólogos, envolve o fazendeiro mineiro Antonio Vilas Boas. Em 1957, atraída pela sensualidade latente dos brasileiros, uma extraterrestre teria mantido relações sexuais com ele, dentro de uma nave espacial, sob olhares atentos e perplexos de humanóides. Para romper um eventual bloqueio mental do fazendeiro, os extraterrestres teriam lançado mão de conhecimentos profundos de telepatia erótica. E, para felicidade geral da Nação, Vilas Boas não negou fogo, nem mesmo com uma marciana, que, segundo ele, emitia grunhidos indecifráveis. Outro caso famoso foi o da nave que em setembro de 1957 estatelou-se no litoral rochoso de Ubatuba, no litoral paulista. Fragmentos da nave foram resgatados por pescadores e enviados ao colunista social Ibrahim Sued. Sem saber direito o que fazer, Sued encaminhou as amostras para o Laboratório de Produção Mineral, no Rio de Janeiro. A conclusão oficial é de que se tratava de magnésio puro, em alta concentração, substância que não existe pura na natureza terrena.

Estas experiências com ETs e UFOs não raro adquirem cores dramáticas. Ademir Gevaerd ressalta que há inúmeras civilizações visitando a Terra. E confidencia: "Na verdade estamos sendo invadidos por civilizações mais avançadas". Ele pondera entretanto que evolução tecno-

É TELEPATICAMENTE EROTIZADO,
ELE TEM UMA RELAÇÃO SEXUAL
COM UMA EXTRATERRESTRE



lógica não quer dizer necessariamente evolução moral e ética. Não que os ETs sejam todos uns tarados a sobrevoar a Terra em busca da realização de suas fantasias sexuais. Na verdade, o ufólogo explica que os terráqueos seriam como cobaias dos laboratórios interestelares. "Alguns extraterrestres estão mutilando seres humanos e animais", garante. Em alguns casos, mulheres estariam sendo levadas para dentro das naves e inseminadas artificialmente. Não se lembram de nada e aparecem grávidas. Três ou quatro meses depois abortam misteriosamente e o feto se desintegra. Há depoimentos de pessoas que juram por todos os asteroídes que viram fetos in vitro dentro das naves espaciais.

Pode soar fantástico demais. Mas os pesquisadores brasileiros informam que dados da comunidade internacional de ufólogos garantem que 250 mil pessoas foram sequestradas por extraterrestres em 133 países, uma população igual, por exemplo, à cidade de Araraquara no interior de São Paulo. Outros dados asseguram que 10% a 12% dos contatos são com seres amistosos, do tipo o ET de Steven Spielberg (minha casa... telefone....). A mesma porcentagem de contatos seriam com seres cruéis e malvados, como os klingons do seriado *Jornada nas estrelas*. Para desespero dos ufólogos, 80% dos contatos são com ETs que não estão nem aí para a humanidade, não são bonzinhos nem malvados. Ainda segundo estas informações, o governo americano teria resgatado, nos últimos 40 anos, entre 40 e 50 cadáveres de ETs e cerca de dez ou 12 criaturas vivas. O problema é que sem visto, e não tendo como deportar estes imigrantes estelares, as autoridades americanas teriam criado instalações climatizadas, com acompanhamento psicológico, linguístico e sanitário para abrigá-los. Um desses seres teria conseguido sobreviver por seis meses, confor-

me o depoimento convincente do agente da Marinha dos Estados Unidos, Milton William Cooper.

Segundo Claudeir Covo, cerca de 37% da população brasileira acredita em vida fora do planeta. Mas ressalva: "No Brasil o que não faltam são ufófilos. O problema é quando eles se tornam ufólatras, tiram o Cristo do altar e passam a rezar para um disco voador." O presidente do Grupo Ufológico do Guarujá, Edison Boaventura Júnior, 29 anos, é um dos que acreditam que a forma humana dos ETs significa que se tratam de seres humanos do futuro que voltam ao passado em busca de soluções para as suas civilizações. Isso explicaria, segundo ele, os casos de implante de pequenas esferas no cérebro de pessoas abduzidas (sequestradas por extraterrestres e devolvidas ao convívio com os humanos). Estes humanos, quando retornam, sentem náuseas, passam a ter medo do escuro, sangramento no nariz e zumbidos nos ouvidos. Isso, sem falar nas cicatrizes e marcas de queimadura, geralmente em forma de V ou W.

Contatos com naves espaciais no Brasil não poupam nem mesmo os políticos. Em maio de 1986, 21 objetos não-identificados foram avistados sob o céu de São José dos Campos. Eram bolas de luzes alaranjadas que se moviam de um lado para outro. Durante três horas, os pi-



lotos da Força Aérea Brasileira tentaram interceptar os objetos. Em um dos aviões estava o coronel Ozires Silva, que acabava de ser nomeado presidente da Embraer. Felizmente as naves eram tripuladas por ETs do bem e não houve maiores consequências. Aliás, a relação dos UFOs com o poder, pelo menos no Brasil, é bastante curiosa. Entre 1968 e 1975, o ufólogo brasileiro Roberto Beck, funcionário aposentado da Caixa Econômica Federal, conta que integrava um grupo que se reunia quase todas as noites numa fazenda em Alexandria, no entorno de Brasília. Depois desse período, as espaçonaves desapareceram. Voltaram em 1977 na estrada que liga Brasília a Unai (MG). Após a posse do presidente Sarney, em 1985, os UFOs teriam sumido novamente. A última vez que o fenômeno ocorreu, foi relatado por policiais do presídio da Papuda, em abril de 1991. Tratava-se de um objeto redondo, de aproximadamente 25 centímetros de diâmetro e de cor alaranjada. No dia seguinte, o Ministério da Aeronáutica comunicou tratar-se unicamente de um balão meteorológico. Afinal, o que uma nave de ETs iria querer em um presídio como a Papuda?

Colaboraram: Eliane Lobato, Rio, e Patrícia Andrade, Brasília

UFO ou sonda?

A paulistana Rose Rago estava passeando em Curitiba com o marido, no verão de 1991, quando passou por uma experiência que os ufólogos classificam como um contato imediato de zero grau. "Olhei para o alto e avistei uma bolinha meio prateada e meio dourada." Era um sábado, oito horas da manhã, um dia antes de o Iraque bombardear Israel na guerra do Golfo — época em que foram registradas muitas aparições de UFOs. "Pensei que era um satélite, depois que era um balão." Como estava com a câmera de vídeo, o casal gravou imagens da esfera. "Quando chegamos ao hotel, vendo pela tevê, tive uma surpresa muito grande, porque parecia um disco voa-



Rose Rago: surpresa diante da TV do hotel

dor." De volta a São Paulo, Rose procurou Claudeir Covo, especialista em ufologia. Como não havia nenhum balão meteorológico na área naquela época, ele chegou ao veredito: o objeto de três metros de diâmetro era provavelmente uma sonda alienígena, não se sabe se tripulada ou não. "Fiquei arrependida de não ter ficado mais tempo filmando, ou pelo menos observando. Na hora nem me ocorreu que poderia ser um Ufo".